

PUEBLA, DEZ ANOS DEPOIS

Pe. Fernando Bastos de Ávila, S.J.

A colaboração que me proponho oferecer tem o sentido de um depoimento de quem participou, como simples assessor da delegação dos Bispos brasileiros, naquela III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, sobre a Evangelização no presente e no futuro da América Latina.

Divido o meu depoimento em duas perspectivas:

- O panorama visto de perto;
- O panorama visto de longe.

1. O panorama visto de perto

O cenário era mejestoso: o imponente edifício do Seminário Palafoxiano, de onde se descortinava a beleza dos horizontes de Puebla de Los Angeles.

Nele foi acolhida a delegação dos cerca de 50 Bispos brasileiros. O pequeno número de assessores foi distribuído por casas de instituições religiosas situadas na cidade e seus arredores.

O que impressionou, desde os primeiros contatos, foi a extraordinária *cordialidade* com que fomos recebidos. Cada um dos participantes foi confiado a uma família mexicana que se desvelou em atenções e cuidados, para que nada faltasse ao êxito de Conferência.

Uma segunda impressão que deve ser registrada se refere à *eficiência* dos serviços de logística e de infraestrutura. Aquí, uma menção especial deve ser feita aos seminaristas que colaboraram para o bom funcionamento da Conferência, com notável disponibilidade e espírito de serviço.

Entretanto, a maior impressão se refere ao próprio *funcionamento* da Conferência, na elaboração do documento que ficaria marcado na história da Igreja da América Latina pela designação do Documento de Puebla. Não creio que seja exagero dizer que ali se operou um verdadeiro milagre redacional, só explicável pela presença do Espírito atuando em sua Igreja.

Para compreender esta afirmação é necessário relembrar as etapas que precederam e prepararam o Encontro de Puebla.

Um primeiro Documento Preliminar fora remetido a todas as Conferências Episcopais Latino-americanas, para recolher emendas e sugestões. Estas foram tão numerosas e variadas que obrigaram a Dom Aloísio Lorscheider, então Presidente do CELAM, a se concentrar num esforço de quase um mês para integrar e harmonizar as sugestões recebidas.

Deste esforço resultou um segundo documento, o chamado Documento de Trabalho, com a indicação marginal das Conferências Episcopais das quais procediam as emendas.

Foi este documento de trabalho que foi levado à Conferência de Puebla. Entretanto, o próprio Dom Aloísio Lorscheider, no seu discurso de 29 de janeiro de 1979, na abertura dos trabalhos da Assembléia, fez questão de enfatizar que o documento era apenas um instrumento destinado a ajudar e não a limitar a criatividade dos participantes. Não era uma espécie de documento-base que reduzisse o trabalho à mera apresentação de emendas corretivas, aditivas ou supressivas.

Foi assim durante a própria Conferência que, a partir de comissões preliminares, foi surgindo um novo esquema do futuro documento, esquema dividido em Partes, Capítulos, Títulos e Sub-títulos. O discurso inaugural do Santo Padre João Paulo II teve influência decisiva na composição deste novo esquema e no espírito que presidiu sua redação. O esquema assimilou as linhas estruturais do discurso do Papa e sua explicitação redacional se inspirou nas suas grandes mensagens e apelos.

A elaboração do texto, segundo esquema aprovado, foi confiada a 21 Comissões compostas de Bispos e assessores, aqueles com voz e voto, estes sem direito a voto.

A delegação brasileira se distribuiu de modo a ter participantes em todas as Comissões; nas quais cada um se inscreveu conforme suas preferências.

Os capítulos foram sendo redigidos pelas diversas Comissões e remetidos para uma Comissão Central de coordenação, da qual um dos membros foi Dom Luciano Mendes de Almeida, atual Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB. A Comissão Central ia procedendo à integração dos diversos capítulos, suprimindo repetições e destacando eventuais divergências levadas regularmente para as discussões em Plenário.

A coordenação deste enorme trabalho fluiu sem atrasos nem atropelos, e, é bom lembrar, sem o auxílio de computadores, que não eram disponíveis naquela época, graças inclusive a uma dinâmica de trabalho muito bem organizada por dois especialistas, um dos quais o brasileiro Pe. José Marin.

Aprovado o trabalho em sua quarta e última redação, o Cardeal Dom Avelar Brandão Vilela, então Arcebispo Primaz do Brasil, fez um discurso de peroração no final da Conferência. O texto, preparado com a colaboração do Cardel Muñoz Vega, retomou as grandes opções da Conferência projetando-as no amplo cenário da civilização do amor. Da glória do Pai onde hoje se encontra, D. Avelar sabe quem preparou para ele a minuta do seu discurso.

2. O panorama visto de longe

O documento de Puebla é certamente um dos mais lúcidos e abrangentes documentos de uma Igreja Regional, a Igreja da América Latina, que marcou profundamente a evangelização do nosso continente, com repercussões em muitas outras Igrejas Locais.

Seria agora o caso de tentar um balanço dos aspectos positivos e negativos da influência de Puebla nestes dez anos de sua promulgação.

Aspectos positivos

A própria grandiosidade do evento de Puebla em si mesmo provoca o início de uma tomada de consciência da Igreja Universal de que o futuro do catolicismo no mundo se joga na América Latina. O peso do catolicismo mundial se desloca para o nosso Continente. O próprio

Santo Padre deve ter feito a experiência da profunda afeição do povo, do grande povo humilde, à sua própria pessoa como símbolo vivo da própria unidade eclesial. Ele viu em Puebla, como viu em tantas outras viagens suas a outros países da América Latina, as imensas massas humanas que esperavam horas intermináveis, inclusive mães com seus filhos pequeninos, só para não perder a oportunidade de vê-lo passar num breve instante.

Nunca uma Igreja regional reuniu um número tão grande de pastores, não para um Sínodo, mas para assumir um compromisso pastoral de evangelização do seu povo.

Foi ali que começa a gestação da idéia da América Latina como a grande esperança da Igreja Universal. O Santo Padre explicitou esta certeza por ocasião de sua Visita a Santo Domingo, quando lançou o apelo para a preparação da celebração do 50. Centenário da Evangelização da América Latina. Naquela oportunidade previa que até o final do século e do milênio, mais da metade dos católicos do mundo estará concentrada em nosso Continente.

Outro aspecto positivo de Puebla pela extensão e profundidade de suas consequências foi certamente sua opção preferencial pelos pobres. A mensagem do texto de Puebla é simples e clara. Foi naquela página antológica em que ele revela o rosto de Cristo nos rostos de seus irmãos mais sofridos que se inspirou a sua opção. A primeira vista, a opção causou surpresa. Que significava uma opção pelos pobres feita por uma Igreja que fizera e fazia tanto pelos pobres? De fato, na América Latina, desde os tempos de sua chamada colonização, nenhuma instituição pública ou privada fizera tanto pelos pobres quanto a Igreja Católica. A história mesmo da América Latina é inextricavelmente ligada à história da Igreja no Continente especialmente através da Ação de Pastores insígnies e de Ordens e Congregações religiosas, às quais o documento se refere com gratidão e carinho. Mas a surpresa inicial foi logo superada pela justa compreensão de seu sentido mais profundo contido nos dois temas fundamentais do documento: a comunhão e a participação. A Igreja que fizera tanto pelos pobres estava disposta a continuar a fazê-lo, mas a novidade e a originalidade radical de sua opção residia no seu novo posicionamento em relação aos pobres. A Igreja queria fazer muito pelos pobres, mas se comprometia a fazê-lo a partir deles, de junto deles, em comunhão com eles, na participação do seu destino como povo de Deus. As consequências deste novo relacionamento foram imensas. Ele deslocou o epicentro de toda a ação evangelizadora da Igre-

ja no nosso continente. Mesmo fazendo muito pelos pobres, a Igreja era vista por esses mesmos pobres como uma Igreja dos ricos, em cuja consciência Ela atuava para conseguir generosas ofertas destinadas a atender as carências da miséria e da pobreza. As relações com os pobres foram sempre relações outorgatórias e por grandes que tenham sido essas outorgas beneficentes o resultado foi que sempre aumentou “a distância entre os muitos que têm pouco e os poucos que têm muito”. Na “Mensagem aos povos da América Latina”, seus pastores reconhecem este fato e pedem por ele perdão.

A novidade da opção pelos pobres não causou só surpresa. Despertou também debates teológicos e tentativas de envolvimentos ideológicos. Mas a mensagem de Puebla ganhou altura sobre todas estas turbulências e conservou sua permanente atualidade. Regata-se aos poucos a limpidez e transparência de sua mensagem, sem excludências classistas e sem comprometimentos ideológicos. Nunca, em toda história do catolicismo latino-americano, o povo de Deus se sentiu tão próximo de sua Igreja e de sua ação evangelizadora. No espírito de comunhão e participação, ela sentiu em seu seio a germinação de novas formas de viver o evangelho, especialmente nas comunidades eclesiais de base, onde o povo de Deus descobria o sentido e a força da presença do Cristo libertador comprometido com sua própria história, como descobria também a beleza daquela Mãe Virginal, a primeira a intuir nela a opção de Deus pelos pobres em cujas mãos o Papa colocava “nosso inteiro porvir, o provir da evangelização da América Latina”. (Homília na Basílica de Guadalupe).

A proposta da civilização do amor, que pareceu na época uma demonstração de lirismo eclesial, hoje é reconhecida por pensadores de todos os quadrantes ideológicos como única alternativa de um novo humanismo, fora da qual só restaria a alternativa do ódio e do holocausto final.

Aspectos negativos

O panorama de Puebla visto de longe, na distância de dez anos, permite que se constate também aspectos negativos, no desdobramento do processo evangelizador ali iniciado.

Com humildade e simplicidade, destaco apenas alguns que me parecem mais importantes e que devem ser corrigidos, enquanto ainda há tempo.

Puebla, além da opção preferencial pelos pobres, explicitara também enfaticamente a opção preferencial pelos jovens.

É minha impressão, salvo melhor juízo, que o forte impacto causado pela primeira opção não permitiu que se desse à segunda a atenção que merecia.

Não quero dizer com isto que se tenha descurado da pastoral da juventude. Muitas iniciativas e muitos movimentos se desenvolviam nesta área, inclusive levando-se em conta o fato que a maior parte dos jovens latino-americanos se encontra precisamente entre aqueles pobres pelos quais fora feita a primeira opção preferencial.

Entretanto, parece-me difícil desconhecer hoje a existência de uma certa distância crescente entre a juventude e a Igreja. Não é a Igreja que se distancia da juventude, é a juventude que vem se distanciando da Igreja. O imaginário juvenil está povoado de ídolos profanos, por cuja ação fundamentais valores evangélicos perdem vigor. A juventude é a mais frágil vítima da crise de hedonismo e de permissivismo que devasta a cultura contemporânea.

O reencontro da Igreja com a juventude, através de iniciativas evangelizadoras realmente criativas e participativas é um dos grandes desafios pastorais da Igreja. Da superação deste desafio dependerá decisivamente a resposta da América Latina à grande esperança nela depositada.

A crise da juventude se relaciona com um segundo aspecto negativo no desdobramento da ação evangelizadora de Puebla. Este aspecto se reporta à crise da cultura.

O documento de Puebla, inspirando-se na *Evangelii Nuntiandi* trata do problema e alertara a consciência cristã para a importância da preservação de nossos valores culturais (Ver o título *Evangelização da Cultura*).

Parece também difícil negar hoje que a ação evangelizadora neste campo não foi particularmente eficaz.

A ênfase que o Papa desloca para este gravíssimo problema, especialmente a partir da criação do Conselho Pontifício para a Cultura gerou até perplexidades, como se fosse uma espécie de álibi para esvaziar os dinamismos... que enfrentavam os problemas na área da injustiça social.

Não se percebeu logo que esses dinamismos se esgotavam sobre um solo rachado por abalos sísmicos que sacudiam as próprias bases axiológicas da cultura.

Temos propostas sociais adequadas para uma sociedade que se urbaniza e para cuja implementação bastaria uma decisão política. Mas agora percebemos que nenhuma proposta social surtirá efeito, se persistir a crise de valores morais e éticos que exacerba os instintos egoísticos e as ambições corporativas, comprometendo todas as possibilidades de uma convivência cristã e civilizada.

A consciência cristã foi também atingida pela crise da modernidade provocada pelo impacto causado pela própria aceleração do progresso científico e tecnológico destes últimos anos.

Aqui reside o segundo grave desafio para a evangelização não só da América Latina, aliás, mas de toda a Igreja. A irreversibilidade do processo científico e tecnológico haverá de continuar a ter um violento impacto sobre aquelas bases axiológicas de nossa cultura. Devemos nos preparar para enfrentar os desafios de uma sociedade que se informatiza rapidamente: como fazer passar a mensagem evangélica pela linguagem da informática? A infância e a adolescência de amanhã aceitará uma catequese convencional que desconheça os novos processos de comunicação e informação? Devemos também nos preparar para enfrenar os desafios criados pelas novas formas de energia disponíveis ao homem, bem como os desafios gigantescos criados, para o bem e para o mal, na área da biogenética.

Vejo enfim um último aspecto negativo no que chamaria uma subvalorização da doutrina social da Igreja.

No seu discurso inaugural de Puebla, o Santo Padre alertara para a urgência de aprofundar atualizar e difundir esta doutrina. Respondendo a este apelo, o Departamento de Ação Social do CELAM, presidido por Dom Luiz Banbarén promoveu a publicação do estudo: Fé cristã e compromisso social. O Papa voltou a insistir no tema em suas duas encíclicas sociais: *Laborem Excercens e Sollicitudo Rei Socialis*.

Entretanto, em alguns arraiais eclesiais, a Doutrina Social da Igreja era entendida como uma proposta reformista, que amortecia os ímpetus mais radicais pela mudança social.

Hoje, felizmente, sou levado a crer que se começa a dar maior importância à seriedade e atualidade das propostas da doutrina social da Igreja que repudiam igualmente tanto a implantação da justiça com sacrifício da liberdade, quanto a exaltação da liberdade ao preço de uma imensa iniquidade social.

Estes aspectos negativos não são irreparáveis. A mensagem de Puebla sobre a Evangelização no presente e no futuro da América Latina será resgatada na IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, em comemoração ao V Centenário da Evangelização do nosso Continente. Pela força do Espírito que a habita, a América Latina saberá responder às esperanças da Igreja Universal.